

Hereditariedade e herança: redobrar a força

Heredity and inheritance: redoubling strength

Herencia y herencia: redoblar la fuerza

Maria Cecília França Lourenço

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, mcfloure@gmail.com

usjt
arq.urb

número 35| set - dez de 2022

Recebido: 17/10/2022

Aceito: 20/11/2022

DOI:

<https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi35.631>



Palavras-chave:

Legado,
Patrimônio,
Artes

Keywords:

Legacy,
Patrimony,
Arts

Resumo

Neste tempo, pleno de episódios incomuns, buscam-se pilares abalizados para se criar e legar distinta herança às gerações sucessivas, aqui no enfoque de formas e soluções criadas, meio ambiente, cultura material, valores, respeito humano e conceitos. As análises visam crítica e fomento de bases renovadas, capazes de vislumbrar futuro diverso. Urge rever meios hereditários equivocados, que elevam o Nós e discriminam o Outro. Mudar ou aprimorar o que se recebeu pode delinear um amanhã mais solar, luminoso, justo e equânime para amplo espectro social. Ao contrário, herança se escolhe entre aqueles bens à disposição, derivando elo ativo entre hereditariedade e herança, foco desta reflexão.

Abstract

In this time, full of unusual episodes, pillars are sought to create and bequeath distinct heritage to successive generations, here in the focus of created forms and solutions, environment, material culture, values, human respect, and concepts. The analyses aim at critical and fostering renewed bases, capable of envisioning a diverse future. It is urgent to review wrong hereditary means, which elevate the Nodes and discriminate against the Others. Changing or improving what we received can outline a solar, luminous, fair, and equitable tomorrow for a broad social spectrum. On the contrary, inheritance is chosen among those goods at its disposal, deriving an active link between heredity and inheritance, the focus of this reflection.

Introdução

[...]Amanhã Mesmo que uns não queiram Será de outros que esperam Ver o dia raiar [...]
(Caetano Veloso)

Desafio denso, como desta hora e não apenas no país, incentiva tentar propor desvios. Reside em quadro complexo, a incluir: pandemia e mortes; imigrantes vagando em busca de dignidade; agressão e graves conflitos com ameaça nuclear; bairros destruídos em capitais, dando lugar a edifícios reluzentes em contraste com ruas cheias de barracas de quem não tem onde morar; negacionistas inventando absurdos e tentando bloquear melhorias na saúde de ampla fração social. Momento icônico para refletir, debater, trocar e investigar, quais seriam os pilares renovadores, ex- pressos por palavras, artes, paisagismo, arquitetura, urbanismo e design. Requer- se propor planos de futuro para recantos escondidos e próprios para o amanhã. Afinal o que recebemos e o que entregaremos, em torno de Hereditariedade e He- rança?

Constatam-se na atualidade mudanças na forma com que o humano se relaciona e se comunica com os demais, ante imprevistos na saúde pública e em inovações tecnológicas, redefinição do que se entendia, até então, por memória com os aparelhos, estendida em escala superlativa. Muitos autores alertam: estamos em terceiro episódio, iniciado após a invenção dos tipos móveis de impressão, no século 15, as Revoluções Industriais, desde aquela inglesa no, 18, até a invenção de computadores, durante a chamada Guerra Fria, para domínio territorial à distância, a alterar substantivamente o viver em ampla escala no mundo.

Com tais fatores, deseja-se inquirir sobre a hereditariedade recebida e a ser fomentada, preocupando: o que hoje se torna inadiável mudar em erros, individuais e coletivos, para se projetar um amanhã “[...] da mais louca alegria que se possa imaginar”, no dizer de Caetano Veloso? Seguem, pelo mundo, problemas sociais escancarados no urbano, a danosa inovação bélica, a disseminação de armas pelo mundo, sob pretextos, desgastados, entre vários: ingerência de terceiros, amparo da suposta vontade nacional, afronta a territórios e simulação de ameaças.

Países acionam política, cultura, crenças fincadas em - ‘Nós contra Eles’ -, espalhando ideologias autocráticas, um recurso para gerar nacionalismo mortífero ante a diferença. Pior – tal quadro agudo se afere não apenas aqui, somando-se ao populismo, voltado a ludibriar alguns. Sobram violência, intolerância, racialismo, sexismo e demais discriminações, de modo a fortalecer valores ameadados e não declaráveis. Ressaltem-se os confrontos no mesmo território, seja urbano ou rural, local ou regional, nacional ou internacional, agravados recentemente, com longo alcance de armas e assalto digital, exalados em escala grave.

Por outra face, neste momento, há que se pensar sobre a cultura material herdada e aquela a ser legada. Desde o derradeiro século 20, vivenciam-se cenários impensados: Queda do Muro em Berlim (1989); abismo no desnível, entre classes sociais; levas migratórias, vagando por entre mares; fome, miséria abandono e desnutrição infantil; crise de habitação, saúde e urbana. Somem-se igualmente, ofensivas à população civil, em transportes públicos, a incluir os de massa¹. Reações por formas e insurgência se espalharam nos centros urbanos, chegando-se ao ataque de monumentos, os tais ditos heróis da pátria, na verdade, que exploraram populações, clara revolta ante uma ordem caótica. A arte novamente se opõe com formas, fatos e soluções atuais, ao alcance do transeunte, como já almejava o moderno (Figura 1).

Como bem definiu o antropólogo, etnólogo, sociólogo e professor, Georges Balandier (1920-2016): o patrimônio, selecionado como tal por decisão conciliada, em momentos de crise, com laço social enfraquecido, propicia um religar coletivo, por meio de “[...] uma continuidade valorizada, de dar um patrimônio para repartir, mesmo quando este é gerador de artifícios de interpretação, de disputas e confrontos. (BALANDIER, 1999, p.51). Desta maneira, artes, objetos, cidades e questões estão requerendo projetos transformadores, no âmbito individual e coletivo.

¹ Cito: Madri (2004), Londres (2005) Moscou (1996, 1998, 2001,2004, 2006, 2010), Oslo (2011), Paris (2015), Bruxelas (2016), São Petersburgo (2017), Nova Iorque (2022)



Figura 1. Eduardo Kobra (1975). “Homenagem às vítimas da Covid-19”. Detalhe. Rua Cardeal Arcoverde X Av. Henrique Schaumann. São Paulo. Foto A. 2022.

Reuniram-se neste estudo, autores de obras e conceitos, com a intenção de explicitar fontes para outros que queiram concretizar estudos intertextuais sobre o tema. Envolve poetas, Cartas e Recomendações sobre patrimônio a pensadores, há muito voltados no desenho de futuro distinto, cena agravada ante a redução atual do interesse em se ler, somado às práticas céleres e às promocionais, a exigir profunda inflexão. Defende-se a liberdade de pensar e propor, sabendo-se o que antes se pensou, como, por que, onde, contra e para quem se dirigiam os pensamentos

Selecionou-se conjunto de contribuições de: Milton Santos (1926-2001) sobre território e globalização; Henri Lefebvre (1901-91), ao diferenciar moderno,

² Lefebvre se manifesta: “Por modernismo nós compreendemos a consciência que tomaram de si mesma as épocas, os períodos, as gerações sucessivas. O modernismo consiste, pois, em fenômenos de consciência, em imagens e projeções de si mesmo, em exaltações feitas de muitas ilusões e de um pouco de perspicácia [...] com suas pretensões e seus projetos fantasiosos” (1969: p. 4).

modernismo² modernidade³; Roger Chartier (1945), quanto às representações, caracterizadas por práticas e apropriações; Andreas Huyssen (1942) ao se deter em memória reduzida a espetáculo midiático; Paul Virilio (1932 -2018) e os alertas contra o fascínio sem crítica diante de tecnologias digitais; Pierre Bourdieu (1930-2002) na questão de capital cultural; Georges Didi-Huberman (1953), quanto à interpretação de fragmentos.

O presente estudo se dividirá em algumas matrizes, a saber: “Legado Modernista”, ante a tentativa de se privatizar marco da arquitetura brasileira; “Capital Cultural”, que se inicia com a definição do que se entende por cultura e o problema de identidade, chamando-se a atenção daquela, por vezes discutível, como a eugenia; “Memória: medo de Esquecimento?”, focalizando-se a erupção de estudos, expressões e formas; “Cidades: herança cumulativa de momentos”, com enfoque em alterações urbanas originadas por variadas mudanças.

Legado modernista

(A humanidade tem vindo progressivamente a tomar maior consciência da unidade dos valores e a considerar os monumentos antigos como uma herança comum, assumindo coletivamente a responsabilidade da sua salvaguarda para as gerações futuras e aspirando a transmiti-los com toda a sua riqueza e autenticidade. Carta de Veneza, 1964.)

Cenários violentos, mortíferos e avassaladores contra o humano, edifícios, cidades, instituições e seu entorno, em especial após as Grandes Guerras, do século passado, ao menos causaram algo positivo: a criação de órgãos supranacionais, junto à ONU (Organização das Nações Unidas), com adesão de países, na tentativa de debater e conciliar acordos preservacionistas. Desde então, e ativos no que concerne às questões do momento, delinearam-se Cartas, Declarações, Normas, Compromissos, Determinações, Recomendações.

Ilustra bem a atilada ação em face de apreensões iminentes ante à disseminação do vírus SARS-Cov-2, nomeado por Covid-19, a exigir posições compartilhadas. O ICOM (Conselho Internacional de Museus) redefiniu o museu e traçou planos para proteção da vida e posterior reabertura, levando em conta meandros incomuns, ao

³ Por modernidade nós compreendemos, ao contrário, uma reflexão principiante, um esboço mais ou menos adiantado de crítica e de autocrítica, numa tentativa de conhecimento [...]. A história do modernismo não pode ser escrita sem a do conceito de modernidade e reciprocamente” (LEFEBVRE, 1969: p.4)

lado de mediação em conflitos. O fechamento necessário atingiu diretamente as instituições preservacionistas e reiterou a conveniência em se efetuar diálogo e trocas entre povos. Tal ação, nestas áreas, manteve-se ativa em campanhas e encontros no Conselho Internacional de Museus ICOM, (Figura 2), e, também, nos do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Históricos) e naqueles órgãos preservacionistas, ainda que com dificuldades, em cidades, estados, por meio de órgãos locais.

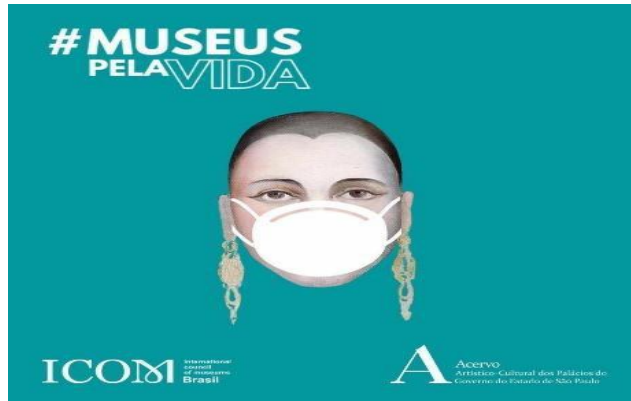


Figura 2. “Campanha Museus pela Vida” ICOM- BRA. Disponível em: <https://www.icom.gov.br/> Acesso em 21 abr. 2021.

Os órgãos internacionais agem por intermédio de membros nacionais e ações partilhadas em seus encontros e assembleias, evitando sobreposição hierárquica de poder. Por vezes há impasses, como ocorrido recentemente. Em agosto de 2021, periódicos e redes anunciavam leilão de edifícios públicos, a abranger os tombados por iniciativa do Governo Federal, no fundo, uma espécie de privatização de um bem comum, abarcando o Edifício Gustavo Capanema/RJ.

⁴ Conforme se divulgou, o Ministério Público Federal entrou com Ação Civil Pública Nº 5119360-34.2021.4.02.5101/RJ, contra a alienação desse edifício e em 2022 houve reafirmação de impedimento, em sendo local tombado, baseado no Código Civil de 2002.

⁵ A Recomendação de Nairóbi/ UNESCO (1976), determina que os bens comuns devem participar da vida coletiva e, para tanto, há um processo complexo, pois se entende por salvaguarda “[...] a identificação, a proteção, a conservação, a restauração, a reabilitação, a manutenção e a revitalização dos conjuntos históricos ou tradicionais e de seu entorno”.

Essa bombástica notícia movimentou entes aqui e fora, relacionados ao setor, em ação para sustar o ato, por colidir tanto no âmbito de disposições legais, quanto em direção de serem preservados valores, como proposto na célebre (Carta de Veneza 1964), da qual o país é signatário. A pronta reação de profissionais somada à Ação Civil Pública imediata reverteu a dolosa iniciativa do desgoverno brasileiro, na cobiça por obter lucro monetário em bem comum do cidadão,

Prenhe de anseios para educação e saúde, o citado Edifício expressa herança comum, a exigir se salvaguardar⁵ sua hereditariedade, uma lição, como sempre, a se rever criticamente no presente. O risco de se abdicar desse ato de estado, afetaria a condição para se avaliar o porquê de sua duração; também se impediria a fruição de gerações e, até, a autenticidade de símbolos a ele ligados. Como fixou o ICOM na redefinição de museu (2022), dadas heranças instituem referências diversas, ou seja, além de manter questões materiais, somam-se as imateriais: conceitos, predicados, modos de fazer e pensar, para se tornar patrimônio.

O termo “salvaguarda” indica tal processo preservacionista e igualmente foi definido pelo ICOM “Procedimentos sistemáticos de conservação, documentação, promoção, e guarda do patrimônio [...] e de expressões culturais”. Ressalve-se, mais do que reduzi-lo a fetiche, ou ponto de chegada, o referido patrimônio galgou conquistas desusadas: construído entre 1937-45, inaugurado com a presença de Getúlio Vargas em 03.10.1945, foi logo tombado pelo IPHAN⁶ (1948) e alçado a patrimônio mundial pela UNESCO⁷, em seu cinquentenário (1996).

Este conjunto pioneiro, criado por equipe que viria a se celebrar⁸, já então defendia a integração entre as artes com a arquitetura, por sugestão de Le Corbusier (1887-1965), para quem agregar obras de arte implicaria em se adotar poéticas dentro das premissas modernas, nos aspectos de forma, técnica, materiais, escala etc.. A arte, em muitos momentos, compôs com a arquitetura, no entanto, nesse referido movimento, negou-se valor a dados elementos da herança clássica, para

⁶ O atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional foi criado em 13.01.1937, mesmo ano da fixação da pedra fundamental do então edifício do Ministério da Educação e Saúde.

⁷ Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura é agência executiva da ONU, com sede em Paris, fundada após a II Guerra Mundial (1945), sendo o país membro.

⁸ Entre outros, Lúcio Costa (1902-98); Oscar Niemeyer (1907-2012), Affonso Eduardo Reidy (1909-64), Jorge Moreira (1904-2).

se exigir condições inovadoras, logo, coerentes às demandas do instante, voltadas ao bem estar de amplos segmentos populacionais, assim distantes da tradição greco-latina e suas inúmeras heranças posteriores⁹. (LOURENÇO, 1990, p.262-271).

No Edifício Gustavo Capanema (Figura 3), imperam noções típicas da herança moderna, entre os quais, linhas e formas geométricas; pilotis, fachada e planta livre no térreo, estendida ao transeunte urbano, convidando-o a se familiarizar e se relacionar com repertório estético diferenciado; adaptação climática valendo-se de lâminas horizontais na fachada norte para propiciar luz e ventilação, chamadas de brise-soleil; mobiliário com design de Oscar Niemeyer; obras de arte voltadas à integridade formal e manifestas em murais, pinturas esculturas e terraço-jardim¹⁰.



Figura 3. Lúcio Costa e equipe. Atual Edifício Gustavo Capanema. Foto Hélio Herbst Jr. 21.01.2021

O aceite dessa herança modernista em amplo sentido vem resultando em ação de órgãos preservacionistas, por meio de estudos, inventários, encontros e congressos, como o Docomomo¹¹, criado no país em 1992, em consonância ao internacional, surgido em 1988. No âmbito universitário do país há continuidade da reflexão

crítica, em pesquisas e ensaios direcionados a analisar o legado modernista. Notem-se aspectos como a predominância de unidade de valores, formando uma herança comum e plena de autenticidade a ser legada.

Permeiam os trabalhos universitários a relação entre arquitetura, meio ambiente e o espaço urbano projetado de forma a ensejar cordialidade e urbanidade; a convivência salutar das formas modernas com a natureza, embora em contraste, dada as linhas geométricas, presentes no moderno; o entendimento de que o detalhe admirável se alinha ao projeto; seleção de identidade plural, desde a habitação dos povos originários à forma humana. Crítica a se assinalar é ação, por vezes deletéria, para áreas degradadas, sem se inovar em destinação, forma e conteúdo.

Cada geração escolhe e muda aspectos herdados de inúmeras fontes próximas ou distantes, neste mundo célere e conectado. Não obstante tal contexto, cabe sempre lembrar que certas heranças discricionárias da diferença se mostram nocivas¹², legado, este sim, a ser eliminado. Isto simbolicamente se constata nas cidades, em que o passado indesejado, por lembrar momentos lúgubres de violência, passam por mera alteração de nomes. Em outros espaços, busca-se controle social e destruição, herdeiros de George E. Haussmann (1809-91), como feito em Paris na segunda metade do século 19, de forma a coibir levantes urbanos.

Em contraposição à salvaguarda, no Rio de Janeiro, desde o século passado, se eliminaram morros¹³, sem se oferecer condições adequadas aos despejados. Também se destruíram bairros, sob o pretexto de se garantir o célebre quarteto das chamadas quatro funções do urbanismo moderno na Carta de Atenas: “[...] habitar, trabalhar, recrear-se (nas horas livres) e circular” (1933, p.29). Tais debates se repetem, com propostas de derrubada de quarteirões, visando construção de edifícios, sem se prover infraestrutura, como circulação, esgoto, moradia para diferentes classes sociais, herança nefasta que legaremos às próximas gerações.

Edifícios, Sítios e Bairros do Movimento Moderno.

¹² Caso exemplar na capital paulista se observa na atual Praça da Liberdade, antes lugar em que se enforcavam, até 1870, índios, negros e demais segmentos tidos como rebeldes.

¹³ No Rio de Janeiro, o Morro do Castelo, marcado como cenário dos primórdios da cidade, foi destruído sob a alegação de se erigir construções para a Exposição do Centenário da Independência (1922), por ali ser local insalubre e perigoso, com cortiços.

⁹ O debate sobre integrar a obra de arte renovada, desde a primeira vinda de Le Corbusier (1936), foi objeto de meu doutorado publicado sob o título “Operários da Modernidade”.

¹⁰ Há painéis de azulejo, entre os quais se encontram os de Cândido Portinari (1903-62) produzidos pela Osirarte; esculturas de Celso Antônio (1896-1994) e Bruno Giorgi (1905-93) e, curiosamente, uma obra de Jacques Lipchitz (1891-1973), objeto de inúmeras hipóteses desde a pioneira, do saudoso Mário Barata, em “O ressentimento de Lipchitz”.

¹¹ O nome Docomomo refere-se ao Comitê Internacional para Documentação e Conservação de

Capital cultural

Penso, por exemplo, na transmissão do capital cultural entre as gerações, um mecanismo de hereditariedade propriamente social que, graças à complexidade de sua lógica propriamente estatística, mascara-se sob as aparências da hereditariedade biológica. (BOURDIEU, 1993, p.39-40).

Um dos termos mais polissêmico é cultura e mecanismos para sua transmissão, por ser operação dinâmica, constantemente revista, definidora de identidades pactuadas e coletivas, a abranger condutas, objetos, hábitos e fazeres transmitidos, segundo dado tempo, espaço, velocidade e herança social. Tal disseminação se dá por ensino, contato ou hereditariedade, com inúmeras disputas por hegemonia de certos setores, em detrimento de concorrentes. Quem se dedica ao trabalho voltado às instituições culturais, precisa sempre tentar aproximação e trocas. Assim, reitero desacordo com pensamento cotidiano, que associa cultura à erudição, privilégio, saber acumulado, ou treinamento em dada área de saber.

Cultura se entende como algo estritamente humano, típico de certo modo de pensar, sentir, agir, ou realizar algo singular na vida cotidiana, em complexo espectro em que se notam - modos de produção, sistemas de parentesco, criação, crenças, línguas, meandros, estes tomados em distintos períodos, campos e áreas. Interpretar a variedade de significados da própria palavra pode iluminar labirintos sombrios, a se rever, em amplo arco histórico. No dizer de Georges Didi-Huberman, ao colher cascas em Auschwitz-Birkenau/POL, quando tentava interpretar o porquê, que levasse em conta o desejado, diferente do que é, sem abandonar o que foi: “Olhar as coisas de um ponto de vista arqueológico é comparar o que vemos no presente, o que sobreviveu, com o que sabemos desaparecido (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.41)

Etimologicamente, hereditariedade e herança se tocam em muitos campos, aludem a identidade, escolhida ou não. Provêm do latim, *heres* e se tornam habituais, apenas no século 19, mais um, entre os espólios do século anterior, o das Luzes (18), que a tudo nomeava, rotulava, relacionava e descrevia. Os dois termos indicam algo do passado, a se manter, até mesmo para se transmitir ao futuro, seja por caracteres afetivos, monetário, raro, único, quanto à cultura material, como se observa em modalidades artísticas, cidade, meio ambiente. Uma primeira dúvida: quais os

conceitos agora latentes, neste instante, a se levar aos seguintes e por quê?

Heres já na origem envolveu formas em geral criadas pelo humano e alçadas a valores erigidos em dado espaço, tempo e grupo social. Como tantos termos latinos, foi gerado para organizar vida e morte, patrimônio para alguns e legislação referentes aos bens do passado, a serem perpetuados. Assim, surge com significado voltado a herdeiro, ou seja, designado para receber legado por vínculos de parentesco, profissão ou decidido por força jurídica, reguladora para a passagem de bens, títulos, funções e direito excludente. Ante tal conjunto de atributos, somam-se aspectos físicos, psicológicos, acrescidos daqueles em desvio do que então se considera ideal, conveniente, desejável e seu contrário.

Assinale-se que as teorias biológicas igualmente caminharam na mesma direção, no sentido de pesquisar antecedentes familiares, capazes de determinar mutações ou permanência de certos problemas físicos e mentais, com finalidade discutíveis, em particular as voltadas à persistência dos mais fortes, conseqüentemente, a eliminação do contrário. Reconhece o papel significativo do inglês, naturalista, geólogo e biólogo Charles Darwin (1809-82), ao publicar o clássico “A origem das espécies” (1859).

Um parente dele, antropólogo, geógrafo, explorador, inventor, meteorologista, estatístico, psicólogo Francis Galton (1822-1917), a partir dessa metodologia evolucionista criou a Eugenia (1883), segundo o que se consagrou, preocupada em aprimorar a hereditariedade de parte do humano, com ênfase na escolha de reprodução programada, quanto à ampliação populacional. Nesta etapa¹⁴, fatores hereditários negativos deveriam ser evitados e tal ponto de vista encontra respaldo pelo mundo, institucionalizando-se na América do Sul, via São Paulo.

Eugenia, cujo significado é “bem-nascido”, vinha sendo veiculada pela imprensa, desde a fundação europeia (1883), seja em artigos e, no seguinte, em caricaturas, veiculadas em revistas cariocas, como Careta (Figura 4). Essa modalidade da ciência ganha destaque no país com Renato Ferraz Kehl (1889-1974). Formado em medicina (1915), trabalhou no Departamento Nacional de Saúde Pública/ RJ, e criou com profissionais de diversas áreas, em 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo.

¹⁴ Em nome da Ciência e seu progresso, lamentavelmente mortes humanas foram realizadas, por se construírem em desvios do que se considerava desejável culminando com os horrores

conhecidos programados por Adolf Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial.

Segundo o estudioso Vanderlei Sebastião de Souza, esta contava com cerca de 140 profissionais, predominando médicos e, também, o escritor, sociólogo e professor Fernando de Azevedo (1894-1974), o escritor Monteiro Lobato (1882-1948), e o escritor, professor e senador Alfredo Ellis Júnior (1896-1974).



Figura 4. Alfredo Storni (1881-1910). "Delegação Negra". Revista Careta. Rio de Janeiro, 24.10.21, p.27. Legenda: Getúlio: Por que são tão poucos? Dr. Jacarandá: Nós somos o resto. O outro resto se misturou. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader/> Acesso em: 29 set. 2022

Memória: medo de esquecimento?

É o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar ou é, talvez, o contrário? (HUYSEN, 2020, p.19)

Andreas Huyssen formula mote singular para se analisar a explosão do tema memória, desde os Anos 1980, em monumentos, filmes, pesquisas, livros, entre outros: seria medo de lembrar ou olvidar? Esse professor alemão, fixado nos Estados Unidos (EUA), relaciona a disseminação desse tipo de arquitetura ao temor tanto da volta do Holocausto, quanto do esquecimento sobre desaparecidos nas ditaduras da América Latina. Verifica-se tal obsessão por iniciativas em se materializar e preservar locais de tragédias, como no Campo de Concentração alemão, em Auschwitz, em 1947, logo, apenas dois anos após o fim da II Guerra.

A hipótese relevante de se tocar resíduos do passado para manter viva a memória dolorosa de episódios e de implicações, aponta também para a intenção de que nunca se repitam. Tal ponto de vista foi bem exposto pelo arquiteto e urbanista Paul Virilio, em 2008, quando longe se estava da assiduidade de teleconferências, como se vivenciou na pandemia, em 2021-2. Chamou a atenção para os problemas de relações à distância, reduzindo contato ao mediado por aparelhos e não direto com a cidade, nomeado por urbanismo sem urbanidade, definido:

[...] em que o tato e o contato cedem lugar ao impacto televisual: não somente a 'teleconferência', que permite comunicações a distância, com o progresso inerente à ausência de deslocamento, mas também a 'telenegociação' que permite, ao contrário, tomar distância, discutir sem se encontrar com seus parceiros sociais (VIRILIO, 2008, p. 14).

Huysen e Virilio formularam as reflexões acima, após o início brutal do século 21, no fatídico 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque/EUA. Aviltaram-se símbolos em ação de fundamentalistas dispostos a morrer, talvez, na espera de vislumbrar o divino. Propôs-se um concurso, tendo aderido mais de 5 mil inscritos. Os vencedores, Michael Arad (1969) e Peter Walker (1932) projetaram no lugar, respeitando o vazio, um contra monumento, o Memorial e Museu Nacional 11 de Setembro (Figura 5), aberto em 2011. Há árvores no contorno, água, a refletir o urbano, na borda gravaram-se nomes das vítimas e um volume subterrâneo para o museu.



Figura 5. Memorial e Museu Nacional 11 de Setembro. Foto A. 2015.

Logo no início do século 20, após a I Guerra Mundial, em cenário arrasado, as artes criaram reação ímpar para se refundar o mundo, com poéticas revigoradas e longe do mero - decorativo e belo. Inúmeras reações raiaram em formas, texturas técnicas, materiais e cromatismos, então, irrompeu o modernismo, como antes citado e definido por Henri Lefebvre, nas inúmeras áreas de saber, pensar e fazer, na defesa de minorias, exposição de vísceras e denúncia de falas falsas. A este, seguiu-se o que Lefebvre chama, modernidade e sua autocrítica incisiva, ante a II Guerra Mundial.

Finda esta nova guerra, negócios armamentistas mobilizaram-se para nova disputa, a Guerra Fria, entre EUA e a então União Soviética, nos anos 50. Houve aparelhamento militar, surgindo os computadores, hoje presentes no cotidiano de pequenos e grandes centros urbanos. Nas décadas seguintes, ditaduras se instalaram na América Latina, na tentativa de garantir pautas, entre tantas, de bem-estar, família e propriedade, sejam de esquerda ou direita, procurando agir via recursos financeiros, a par de oferecer planos e bases materiais para tentar disseminar suas ideologias em instituições, a incluir ensino, universidades e museus.

O cultivo da memória coletiva tem sido relegado, não apenas no país, e em muitos vitimados por ditaduras, porém, de que adianta ignorá-las? Arbitrariedades ocorreram em praças, prisões, campo esportivo, sendo a arquitetura testemunha solene. Nas Américas, o Chile se destaca, com a construção de memorial e a indicação de locais, onde se deram mortes e tortura. Lá, como em muitos cantos, o Golpe de Estado foi deferido pelo Chefe das Forças Armadas, em outro 11 de setembro, então em 1973, seguido pela morte do presidente eleito, Salvador Allende (1908-73) no Palacio de la Moneda (Figura 6), ditadura mantida até 1990¹⁵.



Figura 6. Palacio de la Moneda. Vista Sul. Santiago do Chile/CHI, Foto A. 2011.

Nove anos depois (1999) iniciou-se ação para grifar os locais em que se exerciam brutalidade e extermínio, principiando pelo referido Palácio e mais quatro¹⁶. Já o Museu da Memória e dos Direitos Humanos, aqui nomeado por MMDH, resultou de concurso (2007) (Figura 7), vencido pelo escritório paulistano, Estúdio América, então formado por Mário Figueroa (1966), Lucas Fehr, Carlos Dias, somados a museólogos e sobreviventes. Na entrada registraram os 30 itens da Declaração Universal dos Direitos Humanos fixados pela ONU (1948), anunciando a narrativa histórica adotada, no ultraje contra o humano. No interior, caixas de vidro aglutinam eixos temáticos e cronológicos, por textos e fontes documentais.

O conceito de representação, por meio de práticas e apropriações, aqui fundado no proposto por Roger Chartier, se mostra adequado para se tecer narrativas no caso de atos de Estado, antes e após ditaduras. Então, como tratar dois momentos conflitantes, um, ligado a massacre, sequestro, terrorismo de estado, em dado instante e, este mesmo ente, em iniciativa de erigir o memorial, estando à frente Michelle Bachelet (1962)? Abrange tanto atos deploráveis, quanto admissão pública do erro,

e Assassinados pela Ditadura;2) Londres 38, local em que se executava tortura e morte, administrado por familiares e sobreviventes; 3) Cemitério Geral de Santiago para o qual foi trasladado o corpo de Allende e o Memorial do Detido, desaparecidos e do Executado político; 4) Museu da Memória e dos Direitos Humanos.

¹⁵ Roteiro comum de quebra democrática, A. Pinochet, 10 dias após ser nomeado Chefe das Forças Armadas destituiu Allende (1973), criou junta militar; elevou-se a Chefe da Nação (1974); e presidente (1981). A ONU condenou-o (1977), por violência contra presos e, aliados, após se afastar, tentou criar cargo vitalício de senador, sem êxito, para não ser processado.

¹⁶ São estes: 1) Estádio Nacional, centro de tortura e sede do Memorial dos Detidos, Desaparecidos

reparação, sofrimento, traumas, e autocondenação de tais atos.

A praça, os objetos, a arquitetura, o design museal e o acervo reunido trazem dificuldades, pois, cabe aqui inquirir: deveriam mimetizar e escancarar os crimes, ou se valer de alusões tão sutis, que até apagariam o real significado para um público em geral? Se escancarassem, eliminariam públicos específicos, como crianças e vítimas? No projeto, a equipe interdisciplinar optou por abrigar uma série de evidências da época com recortes de jornal, mídias, fotos, sons, luzes e filmes, além de se programar exposição de artistas, oficinas de história, que o espaço enseja.



Figura 7. Mário Figueroa, Lucas Fehr, Carlos Dias. Museo de la Memoria y los Derechos Humanos. Santiago do Chile/Chile, 2010.

Conforme esclarecem no site do MMDH, os objetos reunidos atenderam a amplo estudo e conceituação, resultando em denominações respeitáveis: 1) Os que homenageiam as vítimas: com obras realizadas pelas vítimas; objetos pessoais e peças feitas na prisão; 2) Aqueles típicos de locais: reúne eventos na detenção, sepultamento e onde se deram; 3) Os ligados a ações nefastas: em particular as que violaram direitos básicos; 4) Objetos relacionados à organização de direitos humanos: este tópico abrange material variado sobre “[...] o trabalho e a história das organizações de defesa dos direitos humanos no Chile e aqueles que representam o amplo quadro de solidariedade internacional.” (MMDH, 2022).

Assinale-se, que o design, por vezes, cria ruído ao se valer de certa espetacularização¹⁷ em contraste com conteúdo traumático e a escala arquitetônica monumental. Próximo ao café, um cubículo tenta reproduzir uma célula prisional. A localização

¹⁷ Diferencia-se aqui de espetacularização, termo entendido como de algo espetacular, fulgurante; enquanto espetacularização se volta a reduzir algo à categoria de espetáculo.

compromete e desvaloriza a proposta, porquanto a fruição se opera em hora de lazer, passando despercebida. Situação similar se constata em algumas proposições museográficas, como nas fotos de desaparecidos, cuja escala se choca com a do edifício e inviabiliza identificação; a prosaica simulação de velas por lâmpadas diminui expressão e força para transmitir o solene luto da humanidade.

Diferentemente e com amplo espaço se encontram dois memoriais dedicados ao Holocausto, inaugurados em 2005: o Memorial aos Judeus Mortos na Europa (Figura 8) de Peter Eisenman, em Berlim e, em 2005, o Museu da História do Holocausto do Yad Vashem em Jerusalém, de Moshe Safadie (1938). O berlinense, como se informa no site, resultou de campanha de cidadãos, já em 1980, liderada pela jornalista Léa Rosh (1936) e pelo professor e historiador Eberhard Jackel (1929-2017). Este, já em sua tese acadêmica (1961), indagou sobre a tragédia de Adolf Hitler e a urgência de se em refletir sobre - como se chegou a tal realidade?

A obra de Peter Eisenman, Memorial aos Judeus Mortos na Europa, adveio de concurso com mais de 500 adesões, tendo desde então gerado inúmeras polêmicas. Localiza-se no casco histórico da cidade, a saber: próximo ao bunker de Hitler, ao portão de Brandemburgo, ao demolido Muro e em frente ao Tiergarten. Não optou por formas figurativas, narrativa histórica heroica e óbvia, como se vê em similares, preferindo detalhes inquietantes, a elogiar a inteligência do espectador.

Constitui-se por 2711 blocos de concreto, com dimensões, entre 0,20 e 4,70 m, gerando uma onda plena de arestas. O material padece, revela a passagem do tempo e os variados caminhos de cada humano, que surgem em distintas escalas. Possuem diversas dimensões, resultando em vias irregulares no trajeto. No subsolo há um Centro de Informação e Exposições, com 9 salas temáticas, música ambiente criada para o lugar, arquivos e mostras alusivas ao tema. Tais soluções formaram cultura da memória similar pelo mundo, com jardins de escultura, placas e nomes em relevo.



Figura 8. Peter Eisenman. Memorial aos Judeus Mortos na Europa. Berlim/ALE Foto: A. 2014.

O Museu da História do Holocausto do Yad Vashem (Figura 9), em Jerusalém, foi criado em 1953 e remodelado em 2005, também por meio de concurso, iniciativa aqui defendida, tendo sido escavado no Monte da Recordação. O projeto de Moshe Safdie (1938) forma-se por um prisma tetraedro, em concreto armado, a avançar na montanha, e onde se situam salas¹⁸, em grande parte subterrâneas e com variada iluminação, a depender do conteúdo, conferindo solenidade ao percurso. Com muita sutileza, acena a uma forma de navios muito próximos, com iluminação focal, a reforçar o ângulo agudo formado e a ampla escala, a miniaturizar o ser humano.

Programam atividades nos espaços e na Escola Internacional para Estudos e Instituto Nacional de Pesquisa, ativa desde antes na atual fase (1993) e Sala “Justos entre as Nações”. Nesta celebram os não-judeus que salvaram vidas; na parte externa há esculturas, locais de encontros, no Vale da Comunidade e sinagoga. Vozes se alteiam no Memorial das Crianças, caverna escavada na montanha, com fotos e espelhos, ladeando a entrada, de modo a misturar o real dos visitantes aos demais.

O Museu da História do Holocausto israelense preferiu manter narrativa histórica cronológica, efetivada por fontes escritas, documentos, foto, gravação e arte alusivos ao tema. Caracteriza-se como um centro de pesquisa, com acolhimento de

documentos e depoimentos gravados em vídeo e também um Museu de Arte. As obras reunidas foram realizadas antes ou durante a II Guerra, mantidas pelas famílias de vítimas, como informam no site do Museu, totalizando um conjunto com 120 peças.

Utilizam-se domos com luz natural, em vários ambientes, composto por coleção de arquivos, registros e fotos, estas cuja escala inviabiliza a fruição. Recentemente passou, como tantos, por dificuldades na pandemia, aliadas ao pedido de demissão do diretor Avner Shalev (1939), à frente da instituição entre 1993-2020. A luz natural não faz parte integrante do projeto e, se a entrada do museu se dá em penumbra, na saída, caminha-se por solo levemente inclinado, em direção à forte luz, exalada de plena natureza, tendo ao fundo, Jerusalém, sendo este, local raro com autorização para se fotografar, até por razão de segurança.



Figura 9. Museu da História do Holocausto do Yad Vashem em Jerusalém/ISR. Moshe Safdie. Foto A. 2012.

Em que pesem aspectos notáveis, inúmeras querelas têm sido documentadas, nas mídias, por declarações controversas de autoridades locais, quanto ao papel da Polônia e atual Rússia em ações no Holocausto. Valeria lembrar a definição de Huysen, para quem a memória é sempre “[...] o passado comemorado e produzido no presente, que inclui de forma invariável, pontos cegos e evasões, [...] portanto nunca é neutra. [...] como a historiografia [...] está sujeita a interesses e usos funcionais específicos” (2014, p. 181). A saída do diretor, o espaço reservado a dirigente no

¹⁸ Entre as salas há Memorial das Crianças, Museu de Arte, Santuário dos Nomes, Arquivo, Biblioteca.

atual genocídio na Ucrânia, mais local, escala e exposição alocados a dadas figuras, não raro compõem conjunto explosivo de disputas, em várias latitudes, tempos e culturas.

Cidade: herança cumulativa de momentos

Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. Daí vem a anarquia das cidades capitalistas. Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às demandas sociais. A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global. O que se chama desordem é apenas a ordem do possível, já que nada é desordenado. [...] Assim, a paisagem é uma herança de muitos momentos, já passados [...] (SANTOS, 1988, p.23)

Como bem chamou a atenção, no final do século 20, o geógrafo, professor, escritor e cientista Milton Santos, cidades, também são paisagens, formam-se por meio de camadas vivenciadas e sobrepostas, no tempo, geradoras de distintas escritas, uma sobre a outra, ainda que planejadas. Mudam em atendimento a pleitos de dada população, momento e conjuntura político-social. Em especial para o iminente geógrafo, tal sobreposição urbana se constata no capitalismo, como ele declara no texto acima, que se apoiou em Lênin, ou seja, Vladimir Ulianov (1870-1924).

Caberia aqui reiterar que, nas Américas, segundo Santos, a sobreposição de rastros do passado urbano remonta à chegada do europeu, porém, acrescento, pouco restou mantido e se pergunta: por quê? Seria um passado que não se deseja lembrar, sendo mais fácil deixar de lado seus contornos? As razões de se erigir cidades referem-se ao choque cultural, interesses mercantis e à tentativa de dominar diferenças geográficas, em crenças e/ou em costumes.

Já no presente tal paisagem também se altera por velocidade acelerada, a exigir câmbios constantes e atender modificações, seja no traçado urbano, ou em suas instituições culturais. Seria fruto de países capitalistas, voltados a incentivar movimentações, para apenas ampliar recursos financeiros? Já nos países europeus, inúmeros espaços urbanos, paisagens e instituições se mantêm cristalizados, como se observa no Museu Hermitage (Figura 10) fundado em 1764 e pouco alterado, no interior e no exterior e na própria cidade de São Petersburgo/ RUS.



Figura 10. Museu Hermitage. Entrada principal. São Petersburgo/RUS. Foto A. 2011.

A cultura material das cidades pode ser interpretada como identidade almejada, permitindo nomeá-las por monumento, na condição de processo transformador. Inúmeros pensadores se detiveram na definição de monumentos, desde a clássica, formulada pelo historiador Alöis Riegl (1858-1905) no início do século 20: “Por monumento [...] entende-se uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo [...] de manter sempre presente na consciência de gerações futuras algumas ações humanas, ou destinos (ou ambos [...])” (RIEGL, 2014, p.31).

Nas obras atuais, a mão humana e o projeto identitário plural formam tópico fundante. A globalização, no capitalismo, segundo Milton Santos, divide-se em três partes: a primeira numa espécie de “fábula” destinada a iludir sobre suas maravilhas; a segunda, por “perversidade”, o mundo como se apresenta, dominado por competitividade e benefícios a alguns; enquanto a terceira acena para uma previsão distinta no futuro, vale dizer, como “poderia ser”. De acordo com o iminente professor, a globalização atesta o cume da internacionalização e, mais, para se entendê-la e às demais eras históricas, devem ser abordados “[...] dois elementos fundamentais: o estado das técnicas e o estado da política”. (SANTOS, 2001, p.23).

Milton Santos, no início de seu livro “A natureza do espaço: Técnica e Tempo.

Razão e Emoção”, introdução datada em 1996, afirma que há muito se reflete sobre tais temas. Volta-se ao transeunte urbano, vítima de contrastes sociais, herança em várias latitudes e eras. Defende que a força é dos "lentos", pois conseguem se deter em atitude contemplativa, ao contrário do rápido e com mobilidade, pois desta forma “[...] acaba por ver pouco, da cidade e do mundo”. Então, os céleres comungam com as imagens, sendo esta a sua [...], perdição. [...] Os homens ‘lentos’ [...] não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e ir descobrindo as fabulações. (SANTOS, 2006, p.220). A par das técnicas e da política a predicação de Santos se evidenciou depois, com a pandemia, denominada Covid-19.

Observe-se que o elogio ao lento também aparece em análises posteriores à de Santos, entrando mesmo no cotidiano de várias atividades¹⁹. Lembro as considerações significativas do filósofo e professor coreano da Universidade de Artes de Berlim, Byung-Chul Han (1959). Reitera em seus estudos o caso do fazer em Paul Cézanne, para ele, “mestre da atenção profunda”. Afirma: “Só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao longo fôlego, ao lento. Formas ou estados de duração escapam à hiperatividade”. (HAN, 2015, p.36)

Considerações finais

Ao pensar desvios no presente, este estudo visou colaborar na iminente demanda por um amanhã distinto e menos cruel. A reflexão tentou ultrapassar um mero exercício de abstração, para se propor caminhos diferentes dos atuais e em questões concretas. Se pandemia se combate com vacina, isolamento e cuidados pessoais, as formas criadas com soluções amigáveis a diferentes públicos, como alterar ações conservadoras pelo mundo, e cessar a disseminação de benefícios apenas aos seus e demais próximos, a não ser pela democracia representativa?

Várias são as falhas deste regime, porém, nada melhor se criou. Quando a democracia se mostra artificial, notam-se episódios de crises em maior escala. Ilustra a da pandemia, chamada por Covid-19, quando se acirraram défices em tantas áreas: urbana, social, sanitária, educacional, nutricional, habitação e trabalho. O SUS

(Sistema Único de Saúde), um dos mais avançados do mundo, poderia ter salvado vidas, porém o Governo eximiu-se, na prontidão com vacinas. Melhorar a educação crítica seria o caminho inicial, para se reverter o conformismo e se atenuar o aceite de belas frases.

O indispensável isolamento social impediu reações coletivas, no país, contra o des-governo, no caso da Covid-19, restando algo notável: em favelas, grupos organizados, de imediato mobilizados para foco relevante – salvar vidas. Este segundo tópico requer participação sistemática, no coletivo, ou ao menos em grupos próximos, aqui legado modernista incontestável. Tal atitude nem sempre se processa, sendo mesmo para alguns, impensável, ante a luta ferrenha pela sobrevivência. E nós, temos nos engajado em fóruns de ação em defesa de causas públicas?

A terceira questão que se buscou debater foi causada pelo raro cultivo crítico de memórias coletivas. Esta passou ao léxico com celulares, porém tem sido posta à serviço da autoimagem, consumo exibicionista, ou, ego-trip. Daí tantos avaliarem se tratar de uma nova revolução, registrada por algoritmos binários, cuja ação se reduz a devolver o procurado, aumentando isolamento em bolha e alterando consciências. Sobram registros pessoais em self, como se cada um fosse uma celebridade, porém, não se atravessa a barreira narcísica, promocional, em trocas apenas com pares.

Durante a Covid-19, as cidades desnudaram o sentido seletivo de sua destinação; pergunta-se: quem se beneficia com inovação tecnológica; a posse discutível de dados pelas empresas, visando divulgar apenas inúmeras funções, obtidas em uma única tela do celular, isto, desde os primórdios deste século 21? Usuários ignoram o destino de suas postagens nas redes, levando a alarme em casos extremos de vazamento de intimidade, manipulação de votos nos EUA, assalto quando se comunica viagem, entre outros, informados com certa parcimônia nas grandes mídias tecnológicas.

Acima da ineficácia no domínio de dados, incógnita sobre o arquivado e vendido para terceiros, invasão pessoal, em conta bancária e decisões, preocupam ângulos diversos: grande contingente de crianças e jovens privados de obter educação,

(baixa rodagem em treinos); *Slow Works* (facilitar a vida no trabalho).

¹⁹ Com o nome *Slow* há, entre outros: *Slow Movement* (valorizar o tempo e desacelerar); *Slow Travel* (preservar culturas locais visitadas); *Slow City* (cidades com menos de 50 mil habitantes, assim, aproximar pessoas e não agredir meio ambiente); *Slow Food* (comida leve e saudável); *Slow Movers*

amigos, família, o que seria minimizado com distribuição de chips e aparelhos, por parte dos governos – municipal, estadual e federal, no país. Levas de barracas em pequenos e grandes centros desmentem a escala e as maravilhas propagadas pelo tal progresso e evidenciaram a situação crítica de inúmeros cidadãos, assolados por desemprego, sem serem preparados para atuar em alguma profissão.

Sobram dúvidas relativas a quanto a atuação pessoal e coletiva tem buscado algo transformador, quando cultura se reduz a simples cenário para imagens individuais, nascidas da vontade em se atingir status de poucos. Ou, ao se expressar por formas, palavras, reflexão e arte, que sucumbem ao simples caráter documental. Também se questiona a arquitetura empenhada em destruir o passado e se ligar tão somente à tal sociedade do espetáculo; ou o urbanismo, quando se reduz a uma espécie de cidade como parque de diversão e o design, submetido ao gosto exótico, ambos alinhados ao mercado.

Caberia aos vários níveis de escolas e universidades, direcionarem-se a aprimorar o humano nas inúmeras áreas de saber e na política social. Em vários campos educacionais urge rever projetos para recuperar anos perdidos na pandemia, desde a etapa infantil; ademais, alertar contra discriminação e incentivar a dedicação ao coletivo, por meio de política pública e formação cidadã em ensino, pesquisa, extensão cultural. No entanto, em que pese a importância dos meios tecnológicos, se constituem na condição complementar, enquanto outros citados, se mantêm fundantes para expressar, morar, viver, deslocar-se e marcar seu tempo, para o dia que vai raiar, por certo, distinto destes. Agradeço a chance de dividir sonhos, Ciça, Primavera 2022.

Referências

BALANDIER, Georges. **O dédalo**: para finalizar o Século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BARATA, Mário. O ressentimento de Lipchitz. **Arte Hoje** Rio de Janeiro, maio de 1979, (23): 32-4.

BERLIN Memorial to the Murdered Jews of Europe 2005. Disponível em: <https://eisenmanarchitects.com/> Acesso em: 12 out. 2022.

BOURDIEU, Pierre. Trabalhos e projetos. In: ORTIZ, Renato (Org). Pierre

Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1993. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/> Acesso em: 29 set. 2022.

CARTA de Atenas. Congresso Internacional de Arquitetura Moderna/ CIAM. IPHAN, 1933. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>

CARTA de Veneza: II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos/ ICOMOS. Carta Internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios IPHAN, 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso em 04 out. 2022.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo, Ed. 34, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

------. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto/ Museu de Arte do Rio, 2014

IBGE: 40 milhões de brasileiros não têm acesso à internet. ABRANET (Associação Brasileira de Internet) em 14 de abr. 2021. Disponível em: <https://www.abranet.org.br/Noticias/IBGE/> Acesso em: 24 abr. 2021.

ICOM/BR. Os 20 termos escolhidos pelo ICOM Brasil. Disponível em: <https://www.icom.org.br/> Acesso em 10 out. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **Introdução à modernidade**: prelúdios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. [1962].

MUSEO de la Memoria y los Derechos Humanos. Sobre las colecciones. Disponível em: <https://web.museodelamemoria.cl/> Acesso em 10 out.2022.

MUSEU da História do Holocausto do Yad Vashem. Arquitetura. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/museum/holocaust-history-museum/architecture.html/> Acesso em: 13 out. 2022.

PRESIDENTE do Museu do Holocausto Yad Vashem renuncia após 27

Anos. Revista Kadimah, Disponível em: <https://www.revistakadimah.com/> Acesso em: 13 out. 2022.

RECOMENDAÇÃO de Nairóbi. UNESCO/ IPHAN 1976. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso em 03 out. 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo, Edusp. 2006.

----- . Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/> Acesso em: 06 out. 2022.

----- **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

----- . **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

RIEGL, Alöis. **O culto moderno dos documentos**: a sua essência e a sua origem. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SOUZA, Vanderlei S. de. **A Política Biológica Como Projeto**: a 'Eugenia Negativa' e a construção da nacionalidade na Trajetória de Renato Kehl (1917-1932). 2006. 220 f. (Dissertação Mestrado), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/> Acesso em 11 out. 2022.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Tradução de Paulo R. Pires. São Paulo: Edições 34, 2008.